

Construções [FOC+QUE] no português do Município do Libolo, Angola *

[FOC + QUE] constructions in Libolo Portuguese

Carlos Filipe G. Figueiredo **

Universidade de Macau, Macau, China

Eduardo Ferreira Dos Santos ***

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

Resumo: Este trabalho parte da tipologia das sentenças clivadas da língua portuguesa, para apresentar as estratégias aplicadas nas construções [FOC+QUE] no português do Libolo (PLB), Angola. A forma canônica da clivagem configura uma estrutura biclausal em que, depois de uma cópula, o sintagma focalizado é seguido de uma sentença encabeçada por um “que”. Contudo, observa-se no PLB a realização de “clivadas sem cópula”, construções que vinham sendo apontadas pela literatura como sendo uma “inovação do português brasileiro”. Em nossa análise, não só consideramos que essas estruturas do PLB são monoclausais, caindo fora do escopo das sentenças clivadas, como pretendemos corroborar também o fenômeno do

* Os autores agradecem as sugestões dos pareceristas sendo que quaisquer problemas que persistirem são de nossa responsabilidade.

** Professor Auxiliar do Departamento de Português da Universidade de Macau – UM, Macau, China, instituição onde obteve o doutorado em linguística. É também vice-presidente da ACBLPE (Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola). Tem como principal área de investigação a sociolinguística, debruçando-se sobre fenômenos de aquisição de primeira, segunda e terceira línguas, fenômenos de aquisição de português por contato em comunidades falantes de quimbundo, umbundo e crioulos atlânticos de base portuguesa, bem como fenômenos do português reestruturado geracionalmente por transmissão linguística irregular. Pesquisa também em história de Angola; carlosfg@umac.mo.

*** Doutorando em Letras pelo programa de Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, Brasil, com bolsa de fomento do CNPq (Processo 142033/2011-1). Desenvolve pesquisas na área da sintaxe, envolvendo a língua portuguesa falada no Brasil e em Angola; santos.eduardoferreira@gmail.com.

contato linguístico e evidência de traços formais presentes na gramática do substrato e “reforçados” no PLB, como a não ocorrência de “clefting”.

Palavras-chave: Português de Angola; Português do Libolo; Foco; Sentenças Monoclausais; Clivadas.

Abstract: Based on the typology of cleft sentences in Portuguese, this study presents the strategies applied in the [FOC+QUE] constructions in Portuguese spoken in Libolo (LBP), Angola. The canonical form of a cleft construction consists of a bi-clausal structure in which there is a copula followed by a focused phrase which is, by turn, followed by a sentence headed by a 'que'. However, it is observed that in LBP there are “clefts without copula”, constructions that have been identified in the literature as “innovation of Brazilian Portuguese”. In our analysis, we not only consider that these LBP structures are mono-clausal – not belonging to the scope of cleft sentences – but we also intend to corroborate the phenomenon of linguistic contact and evidence of formal grammar features attested in the substrate and “reinforced” in the LBP as the non-occurrence of “clefting”.

Keywords: Angolan Portuguese; Libolo Portuguese; Focus; Mono-clausal sentences; Clefts.

1 APRESENTAÇÃO

O processo de clivagem (recurso sintático/discursivo para se destacar o foco da pressuposição é tido, na sua forma canônica, como uma estrutura biclausal em que, depois de uma cópula, surge o sintagma focalizado seguido de uma sentença encabeçada por um ‘que’:

[1] É *em Macau* **que** ele estuda [e não em Portugal].

Trabalhos sobre as sentenças clivadas no português brasileiro, “norma padrão” (doravante PB), e no português vernacular brasileiro (doravante PVB), bem como sobre a tipologia das mesmas (Braga, Kato & Miotto, 2009; Ribeiro & Côrtes Junior, 2009) apontam para a realização de “clivadas sem cópula” como sendo uma “inovação do português brasileiro”:

[2] PB/PVB:

Um só nada faz, *o conjunto que* opera. [*versus* “Um só nada faz, *é o conjunto que opera*”].

De fato, trabalhos sobre sentenças clivadas no português europeu (doravante PE) não apontam esse tipo de clivagem (Brito & Duarte, 2003; Franco, 2007). No entanto, no português do Município do Libolo, Província do Kwanza-Sul, Angola (doravante PLB),¹ variedade cujo substrato direto é o quimbundo, variedade libolo, também é comum a realização desse tipo de estrutura:

[3] PLB:

hoje a juventude ninguém se interessa, *você próprio que* tem que agir trabalhando (...) [PAVARH5].²

Após a independência de Angola, e em sequência da guerra civil que se instalou no país, verificou-se um maior isolamento das regiões rurais do interior, como sucede com o Município do Libolo. Deste modo, não surpreende que o sistema da interlíngua L2 (segunda língua) dos seus habitantes incorpore traços morfossintáticos do quimbundo L1 (primeira língua), que continuam a preservar-se geracionalmente, marcando forte presença no PLB como L1, tanto de falantes bilíngues como de monolíngues (Figueiredo & Oliveira, 2013, p. 125). Pode-se observar essa variação na concordância de número plural e gênero no sintagma nominal, na concordância entre sujeito e forma verbal nas estruturas predicativas, no sistemas preposicional e de pronomes pessoais, entre outros traços morfossintáticos. Ainda segundo os autores, a variação, se comparada ao PE, aponta para uma diversidade ao nível dos falares populares e rurais, suscitando a emergência de estudos acerca dos fenômenos linguísticos que contemplem a própria sociohistória de Angola e que distingam o português falado no país como uma variedade de estatuto nacional.

Dado que a unidade linguística construída em Portugal não ocorre em Angola devido à estratificação da sociedade, que apresenta contínuos linguísticos marcados entre variedades vernáculas das comunidades rurais isoladas e formas populares urbanas ou cultas dos centros cosmopolitas, o país vive uma situação de diglossia linguística, que se acentuou após a partida dos colonos e acabou por determinar um fosso acentuado entre o português L2 e L1 reestruturados falados

1 Para informações mais detalhadas acerca do Município do Libolo, seu historial e particularidades culturais e sociolinguísticas, consulte-se Figueiredo & Oliveira, 2013; Figueiredo (a sair).

2 O nome dos informantes identificados com um código não é revelado para salvaguarda da sua identidade.

pelo grosso da população, por um lado, e o português L1 das camadas escolarizadas, por outro (Figueiredo & Oliveira, 2103, p. 126).

Contudo, no caso concreto do tipo de sentença que privilegiaremos em nosso trabalho apontada para o Libolo, ela também é atestada quer no português reestruturado da comunidade de Almojarife, São Tomé (doravante PALM),³ cujo substrato é o crioulo santome, quer em algumas línguas do oeste africano (doravante LAFR), como o ibíbio, falado em território nigeriano. Em nossa análise, para os dados do PLB, consideramos que essas estruturas são monoclausais (cf. Oliveira, 2011; Oliveira & Holm, 2011; Jorge & Oliveira, 2012) fora do escopo das sentenças clivadas e, diferentemente do que apontam Costa & Duarte (2001), não resultam de uma lexicalização do complementizador do núcleo funcional. Tendo em conta estas particularidades e ainda a situação de diglossia linguística apontada para Angola, em geral, e para o Libolo, em particular, importa corroborar igualmente, no presente trabalho, o fenômeno do contato linguístico entre a língua portuguesa e LAFR, bem como a evidência de traços formais presentes na Gramática das línguas de substrato e “reforçados” no PLB para construções [FOC+QUE], como a não ocorrência de “clefting” (ou clivagem) no quimbundo e no quicongo, apontada por Arends (1989, p. 104). Por fim, busca-se explicitar ainda uma autonomia do PLB, em relação em relação à variedade que é a língua oficial de Angola.

Após esta sumária apresentação, na Seção 2 incidiremos a nossa atenção sobre as particularidades da categoria foco, enquanto fenômeno de função discursiva com uma marcação gramatical e que intervém na interface sintaxe-discurso, determinando a parte não pressuposta da sentença (Zubizarreta, 1998, p. 01). Seguidamente, na Seção 3, teorizaremos em torno dos preceitos sobre sentenças biclausais e monoclausais, levando em conta aspectos apontados na literatura sobre a tipologia das sentenças clivadas interrogativas para o PB (p.e. Braga, Kato & Miotto, 2009), nomeadamente as construções interrogativas clivadas e interrogativas clivadas sem cópula. Dado que no Libolo estamos perante uma língua parcialmente reestruturada, nos moldes de Holm (2004) e ratificados em Oliveira & Holm (2011), a discussão visa corroborar a hipótese de este tipo de construções no PLB configurarem sentenças monoclausais (cf. Oliveira, 2011; Oliveira & Holm, 2011; Jorge & Oliveira, 2012). Este aspecto revela-se fundamental para orientar e conduzir a análise das construções [FOC+QUE] realizadas pelos falantes do Libolo, o que se fará na Seção 5 do trabalho. Após esta, apresentam-se as conclusões gerais do estudo, a que se segue uma lista

3 Para melhor identificação da Comunidade de Almojarife, sua sócio-história e particularidades do português falado pelos seus membros, sugere-se a leitura de Figueiredo (2010, pp. 59-99).

das abreviaturas e símbolos usados no trabalho. O texto encerra, depois, com a apresentação da bibliografia consultada.

2 A CATEGORIA FOCO (Foc)

A partir da proposta de Zubizarreta (1998, p. 01), assumimos que o

[...] foco é definido em termos da noção discursiva de pressuposição: o foco é a parte não pressuposta da sentença.

Para a autora, o foco é um fenômeno de interface sintaxe-discurso e o constituinte focalizado deve ser interpretado por meio de duas asserções (A). As duas asserções (A_1 e A_2) constituem a estrutura de asserção (doravante AS):

[4] PTG:

Foi a vodka que o Pedro bebeu (e não o suco)

A_1 : Existe um x tal que o Pedro bebeu x.

A_2 : O x tal que o Pedro bebeu x = [_{FOC} a vodka]

No exemplo (4), A_1 representa a pressuposição da sentença e A_2 é a asserção principal, funcionando como uma sentença equativa que possui como predicado o elemento focalizado [_{FOC} a vodka]. Além da definição pela AS, o foco também apresenta uma tipologia específica que define a natureza do conteúdo focalizado. A principal tipologia usada na literatura destaca três tipos:

- (i) foco informacional; (foco assertivo)
- (ii) foco contrastivo;
- (iii) foco de listagem exaustiva

Convidamos o leitor para a leitura de Oliveira (2011), para uma apreensão de diferentes propostas tipológicas para o foco e sua realização em diferentes línguas.

Chamamos a atenção, no entanto, para a ‘realização do foco’. Por se tratar de uma função discursiva com uma marcação gramatical, o foco pode ser realizado em três níveis:

- (i) fonológico (prosódico): análises do contorno entoacional entre sentenças neutras e sentenças marcadas pelo foco mostram um contorno especial para o elemento focalizado;

- (ii) morfológico: algumas línguas focalizam o constituinte através de uma partícula, como a língua ioruba;
- (iii) sintático: em algumas línguas e em determinados contextos, o constituinte focalizado ocupa uma posição específica na ordem sentencial.

Em Santos & Oliveira (2011), apresentam-se mais exemplos de como o foco pode ser realizado nesses três níveis. No nosso trabalho, destacamos a apreensão do foco a partir do nível morfossintático, priorizando dados com sentenças biclausais (estruturas com clivadas) e monoclausais.

3 O FOCO EM ESTRUTURAS BICLAUSAIS E MONOCLAUSAIS

Nesta seção, abordaremos as formas de realização do foco a partir de dois tipos de estruturas: as biclausais e as monoclausais.

3.1 Estruturas biclausais

Por estruturas biclausais, entendam-se as sentenças clivadas (e pseudoclivadas) que são, por excelência, uma forma de se destacar, no nível sintático, o foco da pressuposição. No processo de clivagem, há o ‘ensanduichamento’ de um sintagma da sentença entre uma cópula e um ‘que’:

- [5] PTG:
É *uma camisa* que eu quero comprar (e não uma calça).

Em (5), o sintagma *uma camisa* é o foco da sentença que também confirma a AS apontada em (4):

- [5'] PTG:
É *uma camisa* que eu quero comprar (e não uma calça)

A₁: Existe um x tal que eu quero comprar x.

A₂: O x tal que eu quero comprar x = [_{FOC} uma camisa]

O constituinte clivado, que funcionará como o foco da sentença, deve apresentar uma leitura semântica específica, como apontada em Modesto (2001). As leituras de ‘contraste’, ‘exclusividade’ e ‘exaustividade’ são as principais características das construções clivadas, além da ‘leitura especificacional’.

Na leitura especificacional, há a atribuição de um valor, correspondente ao foco da sentença, a uma variável – a sentença introduzida pelo ‘que’:

[6] PTG:

[Foi um peixe que] a menina viu

valor: um peixe

variável: x que a menina viu

Para a sentença em (6), foi atribuído um valor à variável que deve ser, obrigatoriamente, o foco da sentença – um peixe – pois no mesmo contexto poderíamos proferir:

[7] PTG:

Foi um peixe que a menina viu (e não um pássaro)

É essa relação, entre valor/variável, presente nas sentenças clivadas, a responsável pelas leituras de contraste, pois a atribuição de um valor a uma variável contrasta com todos os demais valores não selecionados, acrescentando uma leitura de exaustividade:

[8] PTG:

Foi um peixe que a menina viu (não um pássaro/ *e um pássaro também)

Em (8), há a pressuposição de que a menina viu algum animal (pressuposição de existência), assim como há pelo menos um animal que ela não viu (pressuposição de exclusividade). A leitura exaustiva está em todos os valores que satisfaçam a variável das clivadas.

3.2 Estruturas monoclausais

Diferente das estruturas biclausais, as estruturas monoclausais não apresentam um ‘ensanduchamento’ ou cisão da sentença e não se configuram, portanto, como sentenças clivadas. Em nosso trabalho, consideramos a estrutura [FOC+QUE] como uma estrutura monoclausal em que não se apresenta a realização da cópula (ou verbo *ser*).

Ao afirmamos que a estrutura [FOC+QUE] não contém o verbo copulativo, implica a não aceitação do ‘que’ na categoria dos complementizadores. Desse modo, aproximamo-nos dos estudos de Oliveira (2011); Oliveira & Holm (2011)

e Jorge & Oliveira (2012) que também incluem as *perguntas-QU fronteadas e seguidas de uma partícula* no escopo das estruturas monoclausais.⁴ Para esses autores, as *perguntas-QU fronteadas e seguidas de uma partícula* não devem seguir a mesma classificação proposta para a análise das sentenças interrogativas clivadas sem cópula.

Green (2007), recuperando análises sobre o foco na língua hausa, propõe uma nova abordagem para as sentenças com foco frontado, especificamente para as sentenças com sintagmas-QU frontados, conforme exemplos seguintes, citados por Oliveira (2011, dados 24 e 25 renumerados):

- (i) Sentença com sintagma não-QU movido para a periferia da sentença em hausa.
Tipologia: ‘foco informacional’

[9] **sayař dà mōtōcī yakè (yī) yànzū** “Ele **está vendendo carros** – PB”

sayař	dà	mōtōcī	yakè	(yī)	yànzū
vender	PART	carro.PL	3Ms.FOC.IMPF	(fazer.VN)	agora

- (ii) Sentença com sintagma-QU movido para a periferia da sentença em hausa.
 Sem tipologia de foco

[10] **mènē nē ya fà ru?** “O que que aconteceu? – PB”

mènē	nē	ya	fà ru
what.Ms	FM.Ms	3Ms.FOC.PF	happen

Seguindo os apontamentos de Oliveira (2011), o dado em (9) exemplifica a marcação de ‘foco de controle gramatical’ em que o falante tem a intenção de focalizar determinado sintagma, como vemos em **sayař dà mōtōcī** “vendendo carros”; o foco é realizado por meio do morfema **yakè**, que marca simultaneamente foco/imperfectivo (aspecto)/masculino/3ª singular. No dado (10), temos a mesma marcação de foco observada em (9), mas o elemento na periferia esquerda

4 Chamamos de ‘perguntas-QU’ as sentenças interrogativas introduzidas por um pronome-Q (que, quem, qual, o que, onde, quando, como, quanto, cujo). Remetemos o leitor a Braga, Kato & Míoto (2009, pp. 264-272) para um estudo mais detalhado desse tipo de construção no PB.

da sentença, seguido da partícula de foco **ya** (morfema que faz a marcação simultânea de foco/perfectivo/masculino/3ª singular), é um sintagma-QU (com marcação ‘masculino’ em hausa): **mènē** “o quê?”.

Jorge & Oliveira (2012, p. 260) retomam a argumentação de Green (2007) em não considerar os sintagmas-QU fronteados, com marcação de foco, como estruturas clivadas, mesmo que o marcador de foco em hausa apresente a mesma forma que a cópula (embora a cópula nessa língua seja de natureza não verbal). Para Green (2007, p. 116), o elemento fronteado não se encontra em uma clivada com apagamento de cópula, mas, sim, em uma estrutura monoclausal com o sintagma em posição de foco nucleada por uma partícula de foco. Essa proposta de Green aproxima-se das análises para línguas como o iorubá, o ibíbio e outras línguas do oeste da África que não inserem as *perguntas-QU fronteadas e seguidas por uma partícula* no conjunto das estruturas clivadas interrogativas.

Na literatura sobre a tipologia das sentenças clivadas interrogativas para o PB, apresentam-se dois tipos de construções (cf. Braga, Kato & Miotto, 2009, p. 270):

(i) Interrogativas clivadas

[11] PB:

O que foi que vocês encontraram?

(ii) Interrogativas clivadas sem cópula

[12] PB:

Quem que a senhora acha que cuida de toda essa parte?

Para os autores, a sentença em (12) é uma derivação da interrogativa clivada apresentando o apagamento da cópula. No entanto, verifica-se que, caso se considere a sentença em (12) como uma clivada, não há a possibilidade de se estabelecer as diferentes leituras semânticas propostas para a clivagem, conforme apontamos nos dados (6), (7) e (8) para as estruturas biclausais.

Ao contrário do que a literatura aponta na tipologia sobre as estruturas clivadas interrogativas sem cópula para o PB, Oliveira & Holm (2011) seguem a argumentação de Green (2007) e postulam que sentenças como em (12) são estruturas monoclausais com marcação específica de foco, tal como apontamos para o hausa. Oliveira & Holm (2011) e Jorge & Oliveira (2012) ao considerarem o PB, o PVB e as línguas crioulas como línguas reestruturadas, paralelamente ao português de Angola (Holm & Inverno, 2005), aproximam-nas das línguas do oeste da África que também apresentam o fenômeno de *perguntas-QU fronteadas e seguidas por uma*

partícula e participaram, via contato, na formação dessas línguas. Esse fenômeno seria, portanto, a evidência de um fato intrínseco à Gramática Universal e ao contato linguístico. Retomaremos esta questão ainda em nosso trabalho.

3.3 Línguas parcialmente/completamente reestruturadas

O conceito de línguas reestruturadas apresentado em Holm (2004), e ratificado em Oliveira & Holm (2011), é usado em nosso trabalho para a definição do PLB.

Holm (2004) divide as línguas em dois grupos: parcialmente e completamente reestruturadas. Para o autor, a partir do português (PTG), espanhol, inglês, holandês e francês, respectivamente, teríamos cinco línguas: PVB, espanhol caribenho não-padrão, inglês afroamericano, afrikaans e francês vernacular de Reuniões. Inverno (2004) e Holm & Inverno (2005) também apontam o português de Angola (PANG) como parte do conjunto de línguas parcialmente reestruturadas.

As línguas parcialmente reestruturadas distinguem-se das variedades que são suas línguas fontes por fatores sociais e linguísticos. Na literatura, o termo ‘semicrioulo’ faz equivalência com o conceito de ‘línguas parcialmente reestruturadas’.

O conceito de ‘línguas completamente reestruturadas’ torna-se mais didático se considerarmos as línguas crioulas como integrante desse grupo. Seguindo Oliveira & Holm (2011, p. 30),

a crioulição produz uma primeira língua bem estruturada que retém alguns dos traços do seu pidgin ancestral, mas que é, em essência, tão ‘complexa’ como o é qualquer outra língua natural (...).⁵

Nota-se, portanto, que há uma relação entre ‘línguas parcialmente reestruturadas’ e ‘línguas completamente reestruturadas’. De novo, são os fatores sociais e linguísticos, mais as diferenças culturais transmitidas nas suas formações, que definirão um e outro conjunto de línguas (Oliveira & Holm, 2011, p. 31).

4 CONSTRUÇÃO [FOC+QUE] E A TIPOLOGIA DAS SENTENÇAS CLIVADAS

Conforme se apontou anteriormente, através da clivagem destacamos o foco da pressuposição como a “*operação que se aplica a uma sentença qualquer e a cinde em*

5 Para uma introdução aos conceitos de línguas pidgins e crioulos, remetemos o leitor a Holm (1989). *Pidgins and Creoles*. Cambridge: Cambridge University Press.

duas” (Braga, Kato & Miotto, 2009, p. 253). O nível de encaixe produzido pelo ‘ensanduichamento’ de dado sintagma entre a cópula e um ‘que’ (no caso das sentenças clivadas) ou pronome-Q (no caso das pseudoclivadas) é o elemento focalizado. O foco pode ser identificado como informacional ou contrastivo, caso contradiga algo afirmado ou pressuposto.

Assumindo a abordagem de leitura semântica da clivagem vista em Modesto (2001), nem toda construção em que um dado elemento ocorre ‘ensanduichado’ entre a cópula e a palavra ‘que’ é uma clivagem. As principais características das sentenças clivadas são as leituras de ‘contraste’, ‘exclusividade’ e ‘exaustividade’ ao lado da ‘leitura especificacional’.⁶ A obrigatoriedade da sentença clivada em apresentar a leitura especificacional – e não predicacional – tem uma implicação importante dentro da análise tradicional que se toma para as clivadas.⁷ Ao assumirmos que as clivadas apresentam uma leitura especificacional, excluímos a análise de que essas mesmas sentenças contenham uma relativa.⁸

4.1 Tipologia das clivadas no português brasileiro e europeu

Embora não seja nosso objetivo uma apresentação exaustiva da tipologia e estudos sobre as sentenças clivadas para as variedades brasileira e europeia do português, seguimos as apresentações de Braga, Kato & Miotto (2009) para o PB, Ribeiro & Côrtes Junior (2009) para o PVB e Brito & Duarte (2003) para o PE.

Interessam-nos, aqui, especificamente, as clivadas sem cópula (ou reduzidas), que exemplificariam o tipo de estrutura [FOC+QUE] que tratamos em nosso trabalho.⁹ Nesse tipo de clivada, temos o apagamento da cópula e pode ser vista nos dados do PB e do PVB:

[13] PB:

Aí que entra o problema de dinheiro¹⁰

⁶ Ver seção 3.1.

⁷ Sentenças predicacionais são aquelas que predicam uma propriedade sem a especificação de um valor como vemos nas sentenças especificacionais. Desse modo, não há as leituras de contraste e exaustividade típicas desse último tipo de sentença.

⁸ Remetemos o leitor ao texto de Miotto & Negrão (2007) para uma discussão em não considerar o CP das sentenças clivadas como relativo.

⁹ A apresentação da tipologia das sentenças clivadas e pseudoclivadas foge do escopo desse trabalho. Assim, convidamos o leitor às leituras de Braga, Kato & Miotto (2009, pp. 255-261); Ribeiro & Côrtes Junior (2009, pp. 218-223) e Brito & Duarte (2003, pp. 685-694) para o levantamento completo da tipologia das sentenças clivadas e pseudoclivadas no PB, PVB e PE, respectivamente.

¹⁰ Braga, Kato & Miotto (2009, p. 258), dado (31b), renumerado.

[14] PB:

Agora quando ele viu que os irmãos aprendiam francês e *ele* só **que** não falava então ele quis aprender francês também¹¹

[15] PVB:

Finada minha mãe **que** criou¹²

[16] PVB:

só *na rua* **que** eu bebo¹³

Segundo Ribeiro & Côrtes Junior (2009, p. 220), a posição da cópula

pode estar antes do constituinte focalizado, no início da sentença, o que a identificaria como uma clivada básica, ou após o constituinte focalizado, constituindo-se numa clivada invertida.

Os autores também chamam a atenção para o fato de esse tipo de estratégia não ser realizada no PE culto nem no PE rural, mas ser bastante comum no PB, em geral. De fato, na tipologia das construções de clivagem proposta em Brito & Duarte (2003, p. 685-694) para o PE, a clivada sem cópula (ou reduzida) não se faz presente. Para Côrtes Junior (2006, *apud* Ribeiro & Côrtes Junior, 2009, p. 221) e Braga, Kato & Miotto (2009, p. 258), este é um tipo inovador de clivada no português brasileiro.

A clivada sem cópula, na argumentação de Ribeiro & Côrtes Junior (2009, p. 230), é o resultado de uma reanálise da construção de recomplementação:

[17] PB:

a. João disse **que** *Ana* **que** foi ao cinema (e não *Maria*/ *e não ao teatro)

b. João disse **que** *Ana* **que** ela foi ao cinema (e não ao teatro/ *e não *Maria*)¹⁴

No PE, o constituinte ensanduichado entre os dois ‘que’ encerra uma leitura de tópico, enquanto no PB, a leitura discursiva é ambígua e recupera para o constituinte ensanduichado a leitura de foco (17a). Os autores pontuam que na

11 Braga, Kato & Miotto (2009, p. 258), dado (31c), renumerado.

12 Ribeiro & Côrtes Junior (2009, p. 220), dado (33e), renumerado.

13 Ribeiro & Côrtes Junior (2009, p. 220), dado (33f), renumerado.

14 Ribeiro & Côrtes Junior (2009, p. 230), dado (51a,b), renumerado.

aquisição do português, aconteceu a reanálise do segundo **que** como um marcador de foco, o que não está disponível ao PE, e

a variação entre clivada com e sem cópula passa a fazer parte do dialeto brasileiro. (Ribeiro & Côrtes Junior, 2009, p. 230).

Uma observação interessante dos mesmos autores é apontar que essa é uma reanálise que se difunde, no PB, de maneira geral e pode ter sido originada a partir das comunidades afrodescendentes. Embora não mostrem evidências ou aprofundem a discussão desse fato, retomaremos essa discussão adiante.

Por seu lado, Costa & Duarte (2001, p. 629) também fazem referências às clivadas sem cópulas, embora não as classifiquem como tal, quando comparam as estratégias de clivagem usadas no PE e no PB e chamam a atenção para a “única diferença a registar entre PE e PB reside no facto de a estrutura pseudo-clivada invertida ocorrer com a forma *que* em vez de *é que* (...)”:

[18] PE:

a. O bolo que o João comeu

PB:

b. *A Maria* que vai na praia¹⁵

Segundo os autores, é provável que não exista uma grande diferença estrutural entre essas estruturas e a pseudo-clivada invertida de ‘é que’:

[19] PE:

O bolo é que o João comeu¹⁶

Apontam, também, que nas outras construções que envolvem ‘é que’, a forma verbal não ocorre no PB:

(i) Interrogativas de ‘é que’¹⁷

15 Costa & Duarte (2001, p. 629), dado (12a, b), renumerado.

16 Costa & Duarte (2001, p. 627), dado (5), renumerado.

17 Costa & Duarte (2001, p. 629), dado (13 a, c), renumerado.

[20] PE:

- a. Que livro é que o Pedro leu?
- b. Quem é que chegou?

(ii) Interrogativas de ‘que’¹⁸

[21] PB:

- a. Que livro que Pedro leu?
- b. Quem que chegou?

Com esses exemplos, os autores propõem que a forma que lexicaliza o núcleo funcional no PE seja ‘é que’ e, para o PB, o complementizador ‘que’¹⁹, sendo um processo específico de reanálise presente apenas nessas duas línguas românicas para as sentenças pseudo-clivadas invertidas de ‘é que’.

5 CONSTRUÇÕES [FOC+QUE] NO PORTUGUÊS DO LIBOLO

As construções apontadas na tipologia das sentenças clivadas para o PB, PVB e PE também estão presentes no PLB. Destacamos, aqui, as construções que a literatura classifica como ‘clivadas sem cópula (ou reduzidas)’.

Assim como no PB e PVB, o PLB atesta construções em que temos o constituinte focalizado seguido de um ‘que’, mas com a cópula ausente. São as construções que chamaremos de [FOC+QUE]:

[22] PLB:

esqueci se o *intrevalo* é às nove e quê... Luca **que** sabe [KERILH1]

[23] PLB:

peessoa que ficar... ficar lá por exemplo é que vai nos dar corrida, aquele que tocar **que** vai ficar [ALJERM1]

[24] PLB:

é a linguagem que tá mudando, o sotaque da linguagem **que** está mudando [PAVARH5]

18 Costa & Duarte (2001, p. 629), dado (13 a, c), renumerado.

19 Remetemos o leitor para a leitura de Costa & Duarte (2001) para a argumentação dos autores sobre a lexicalização do núcleo funcional I e o processo de reanálise que resulta na forma ‘é que’.

[25] PLB:

hoje a juventude ninguém se interessa, você próprio **que** tem que agir trabalhando
[PAVARH5]

No conjunto de sentenças (22-25), do PLB, notamos que os constituintes sublinhados, que funcionam como o foco, satisfazem a interpretação por meio da AS, proposta por Zubizarreta (1998), e a condição da leitura de ‘contraste’, ‘exclusividade’ e ‘exaustividade’, mais o destaque de um valor responsável pela leitura especificacional, conforme vemos em Modesto (2001), e exemplificado pelo dado (25), renumerado, a seguir:

[26] PLB:

hoje a juventude ninguém se interessa, você próprio **que** tem que agir trabalhando
[PAVARH5]

A₁: Existe um x tal que esse x tem que agir trabalhando

A₂: O x tal que tem que agir trabalhando = [FOC você próprio]

valor: você próprio

variável: x que tem que agir trabalhando

Em (26), atribuímos um valor à variável. Esse valor corresponde ao foco da sentença – você próprio – e ratifica as leituras de ‘contraste’, ‘exclusividade’ e ‘exaustividade’:

[27] PLB:

você próprio que tem que agir trabalhando (não a juventude)

Essa relação entre valor/variável, responsável pelas leituras de contraste, atribui um valor a uma variável e contrasta com todos os demais valores não selecionados, tornando-o exclusivo, e acrescenta a leitura de exaustividade:

[28] PLB:

você próprio que tem que agir trabalhando (não a juventude/ *e a juventude também)

Em (28), há a pressuposição de que alguém precisa agir trabalhando (pressuposição de existência), assim como há pelo menos uma pessoa que não precisa (pressuposição de exclusividade). A leitura exaustiva está em todos os valores que satisfaçam a variável (x que tem que agir trabalhando).

Embora os dados de (22) a (25) veiculem a categoria foco e estejam, segundo a tipologia de Braga, Kato & Mioto (2009) e Ribeiro & Côrtes Junior (2009), na classificação de ‘clivadas sem cópulas (ou reduzidas)’, ou classificadas como *pseudo-clivada invertida com a forma ‘que’*, segundo Costa & Duarte (2001), e tomadas como sentenças biclausais, consideramos esse grupo de dados como sentenças monoclausais e também como uma estrutura não restrita, ou inovadora, do PB, conforme apontam Braga, Kato & Mioto (2009, p. 258).

Ao contrário da análise desses autores, não entendemos que ocorra uma cisão da sentença, ou ensanduichamento do constituinte – fenômeno típico da clivagem – e a queda da cópula ou a lexicalização do núcleo funcional pelo complementizador ‘que’, mas sim, que ocorre a instanciação de um elemento-QU. Aproximamo-nos, assim, das propostas de Oliveira (2011), Oliveira & Holm (2011) e da análise de Jorge & Oliveira (2012). Esses autores propõem que estamos diante de uma estrutura monoclausal que mostraria a participação de línguas do oeste da África nas *perguntas-QU fronteadas e seguidas de uma partícula*, afastando-se, assim, da tipologia que aponta para o PB/PVB construções de clivadas sem a cópula.²⁰

Atestamos esse tipo de construção também no português culto de Angola (doravante PANG), conforme o trabalho de Santos & Oliveira (2011):

[29] PANG:

Quando que pensa trabalhar?²¹

[30] PANG:

Onde que tem conseguido esses livros?²²

Outras línguas reestruturadas também apresentam esse tipo de construção:

[31] CRIOULO DE GUINÉ-BISSAU:²³

Kin **ki** ten tera?

quem FOC ter terra

“Quem que tem terra?”

20 Cf. Braga, Kato & Mioto (2009); Ribeiro & Côrtes Junior (2009).

21 Santos & Oliveira (2011, p. 296), dado (39), renumerado.

22 Santos & Oliveira (2011, p. 297), dado (41), renumerado.

23 Oliveira & Holm (2011, p. 32), dado (8), renumerado.

[32] CRIOULO PRINCIPENSE:²⁴kwa **ki** txi mese a?

coisa FOC 2SG quer PART INT

“Que coisa que você quer?”/ “Que que você quer?” – PB

A comparação desse fenômeno em diferentes línguas reestruturadas e línguas do oeste da África levou os autores a argumentarem que tais ‘highlighters’²⁵ (partícula ‘que’)

não estão inseridos em uma estrutura de clivagem (que envolve cópula – apagada ou não). Trata-se de exemplos de foco de controle gramatical nessas línguas²⁶ (Jorge & Oliveira, 2012, p. 263)

Retomando a estrutura [FOC+QUE], ressaltamos que ela é também atestada no PALM, e em algumas LAFR, como IBÍBIO, uma das línguas falada em território nigeriano:

[33] PALM:

Norberto **que** tem dinheiro em casa, tá com dinheiro em casa [CELESH3][34] IBÍBIO²⁷:*Contexto de enunciação:*

a. Nse a-ya-a-wot ebot

Nse a- ya- a- wot ebot.

Nse 3SG FUT.NPROX EXPL matar cabrito

“Nse vai matar cabrito.”

²⁴ Oliveira & Holm (2011, p. 33), dado (12), renumerado.

²⁵ O termo ‘highlighter’ segue a terminologia vista em Holm (1980) e refere-se “a instanciação de um elemento da classe QU ‘próximo’ a CP” (Jorge & Oliveira, 2012, p. 254). Oliveira & Holm (2011, pp. 32-3) apontam que os ‘highlighters’ que seguem os sintagmas fronteados (e focalizados) são semelhantes a construções de ‘foco gramatical’ em línguas do oeste africano. Remetemos o leitor aos textos de Oliveira & Holm (2011) e Jorge & Oliveira (2012) para considerações mais aprofundadas sobre o ‘foco gramatical’.

²⁶ O foco de controle gramatical não está sob a intencionalidade do falante sendo marcado a partir de propriedades intrínsecas à derivação gramatical (cf. Jorge & Oliveira, 2012).

²⁷ Os tons da língua foram omitidos.

Resposta: leitura de “foco contrastivo”

b. Iyolo! Unem ke Nse a-di-wot

Iyolo! Unem ke Nse a- di- wot.

NEG Galinha FOC Nse 3SG FUT [+FOC] matar

“Não! Galinha que Nse vai matar.” [e não cabrito] (Oliveira, 2011, p. 90)

Chamamos a atenção do leitor para o fato de, na língua IBÍBIO e no PALM, a leitura de foco também ocorrer a partir de uma estrutura sem cópula em que o constituinte focalizado é um elemento não-QU, a exemplo dos dados (22-25) no PLB. A realização de construções [FOC+QUE] no IBÍBIO, no PALM e no PLB aproximam essas línguas ao considerarmos que compartilham das mesmas características.

Desse modo, retomamos os apontamentos de Costa & Duarte (2001, p. 629) para as pseudo-clivadas invertidas, no PB, ocorrerem sem a forma verbal devido a reanálise que lexicalizou apenas o complementizador ‘que’, e os apontamentos de Braga, Kato & Mioto (2009) e Ribeiro & Côrtes Junior (2009) em destacarem a ‘clivada sem cópula (ou reduzida)’ – que aqui consideramos estruturas [FOC+QUE] – como uma inovação do PB. O que os dados evidenciam para o PLB – e para o PALM, por exemplo – é um tipo de propriedade que pode ser destacada para as línguas reestruturadas como nas análises e propostas de Oliveira (2011), Oliveira & Holm (2011) e Jorge & Oliveira (2012) que incluem o PB/PVB.

Portanto, estamos diante de uma possibilidade de particularização dos constituintes focalizados – sejam elementos-QU ou elementos não-QU – que evidenciaria um

fato relativo à Gramática Universal – GU – (ou seja, a Gramática Universal disponibiliza um conjunto de traços formais, que serão mapeados, a partir de propriedades distintas, em categorias, nas línguas naturais distintas, o que se dá, no entanto, sem serem ‘desconsideradas’ as possibilidades instanciadas pela GU) – que pode ter sido ‘reforçado’ nessas línguas devido à participação de línguas africanas, via contato, já que essas línguas têm atestado envolvimento na formação de línguas reestruturadas (...). (Jorge & Oliveira, 2012, p. 274).

De fato, trabalhos como os de Oliveira & Holm (2011) e Jorge & Oliveira (2012) mostram que as línguas (parcialmente/totalmente) reestruturadas, que possuem línguas africanas como substrato ou participantes do processo de contato linguístico, permitem a realização de estruturas [FOC+QUE] e *perguntas-QU*

fronteadas e seguidas de uma partícula. Se os trabalhos já apontam, no caso destas últimas, para uma classificação no quadro das estruturas monoclausais com uma argumentação teórica consistente, para as estruturas [FOC+QUE] necessita-se de um aprofundamento teórico que, definitivamente, unifique esses dois tipos de estruturas como monoclausais, embora o tipo de foco veiculado seja diferente.

‘Pistas’ de que estruturas [FOC+QUE] estejam relacionadas com línguas africanas foram dadas por Ribeiro & Côrtes Junior (2009, p. 230) quando tratavam das ‘clivadas sem cópula (ou reduzidas)’ e pontuaram que

embora não seja específica das comunidades de afrodescendentes, pode ter delas se ter originado.

Vale ressaltar que as comunidades afrodescendentes privilegiadas nos estudos dos autores contavam com escravos pertencentes a diferentes grupos linguísticos como *cuá* e *banto*. Assim, infere-se que o contato entre as línguas possa ter afetado algum aspecto da morfossintaxe e instanciado pela GU e, nos termos de Oliveira & Jorge (2012, p. 274), ‘reforçados’ com a participação das línguas africanas.

Uma evidência para o reforço de estruturas monoclausais em línguas reestruturadas que possuem línguas africanas como substratos ou participantes do processo de contato linguístico está no trabalho de Arends (1989). Ao analisar aspectos sintáticos da língua *sranan*, o autor coloca as línguas *ewe*, *twi*, *igbo*, *iorubá*, *quicongo*, *quimbundo* e *tshiluba* como línguas de substrato que influenciaram na estrutura sintática do *sranan*. No capítulo dedicado aos processos de ‘clefting’ no *sranan*, Arends (1989, p. 91) mostra como as funções contrastiva-enfática e intensificadora nessa língua podem ser atribuídas por conta da influência do substrato de línguas como o *twi* e o *iorubá*. Nos chama a atenção, contudo, uma nota de rodapé em que o autor aponta que

apparently no clefting occurs at all in Kikongo and Kimbundu (...) (Arends, 1989, p. 104).

A observação de Arends reflete o que encontramos em gramáticas sobre a língua *quimbundo*, por exemplo. Em Chatelain (1889), somos apresentados apenas aos pronomes relativos da língua e, conforme apontamos, as estruturas clivadas (clefts) não evidenciariam um pronome relativo.²⁸ Embora os estudos sobre esse tipo de estrutura tenham tomado conta da agenda linguística com mais

28 Cf. Mioto & Negrão (2007).

incidência em meados do século XX, não encontramos referências sobre o estudo de clivadas em quimbundo e quicongo.

Se, de fato, nessas línguas, a estratégia para focalizar constituintes não são as estruturas biclausais, como as clivadas, resta apenas a opção da monoclausalidade e a língua pode-se utilizar de estratégias como a ordem de constituintes, morfemas específicos ou outra partícula para a marcação do foco, como vimos no ibíbio e nas línguas reestruturadas, seja em estruturas [FOC+QUE] ou *perguntas-QU fronteadas e seguidas de uma partícula*.

Levando-se em conta que as línguas quimbundo e quicongo são línguas faladas em Angola – a primeira das quais no Libolo – e fizeram parte do conjunto de línguas dos escravos levados ao Brasil durante o período colonial,²⁹ mais a observação de Arends sobre a possível ausência de ‘clefting’ nessas línguas, coloca-se na pauta de estudos a necessidade da verificação do ‘reforço’ dessa ausência de ‘clefting’ na manifestação de estruturas monoclausais com veiculação de foco, um traço formal presente na Gramática das línguas de substrato e evidenciado pelo contato linguístico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, fizemos uma breve definição da categoria foco a partir da AS e privilegamos sua realização no nível morfossintático destacando as construções biclausais e monoclausais. Para as sentenças biclausais, consideramos o processo de clivagem e mostramos como o foco é apreendido pelo ‘ensanduichamento’ de um sintagma, que receberá a função de foco, entre uma cópula e um ‘que’. No conjunto das sentenças monoclausais estão aquelas em que esse tipo de ‘ensanduichamento’ não ocorre e, portanto, não há a realização da cópula. A estrutura [FOC+QUE] insere-se nesse conjunto de sentenças.

Interessou-nos, desse modo, fazer um levantamento da tipologia das sentenças clivadas para o PB, PVB e PE e destacamos as clivadas interrogativas sem cópula e as clivadas sem cópulas (ou reduzidas), buscando apontar evidências de que essas estruturas podem ser enquadradas no conjunto das sentenças monoclausais. Os dados de línguas reestruturadas e de línguas africanas que apresentam a estrutura [FOC+QUE], assim como *perguntas-QU fronteadas e seguidas de uma partícula*, aproximam o PLB de línguas como o PB/PVB, o PALM e a língua ibíbio, por exemplo, evidenciando a possibilidade do contato linguístico ter

29 Para informações acerca do resgate de escravos no Libolo e seu transplante para o Brasil, remetemos o leitor para a leitura de Figueiredo & Oliveira (2013, pp. 115-118).

‘reforçado’ aspectos inerentes à GU e fazer emergir esse tipo de estrutura nessas variedades linguísticas.

Uma próxima etapa de análise, já em andamento, pretende o aprofundamento teórico acerca do papel dos ‘highlighters’ e como a Gramática trabalharia na codificação do elemento focalizado utilizando-se, ou não, da cópula.

SÍMBOLOS E ABREVIATURAS USADOS NO TEXTO

2SG/3SG: 2ª/3ª Pessoa do Singular; A: Asserção; A₁: Pressuposição da Sentença (Primeira Asserção); A₂: Asserção Principal (Segunda Asserção); AS: Estrutura de Asserção; EXPL: EXPLETIVO; FM: Feminino; FOC: Foco; FUT: Futuro; FUT.NPROX: Futuro Não Próximo; GU: Gramática Universal; IMPF: Aspeto Imperfetivo; L1: Primeira Língua; L2: Segunda Língua; LAFR: Língua do Oeste Africano; Ms: Masculino; NEG: Negação, Negativa; PALM: Português da Comunidade de Almojarife, São Tomé; PANG: Português de Angola; PART INT: Partícula Interrogativa; PB: Português do Brasil, norma padrão; PE: Português Europeu; PF: Aspeto Perfetivo; PL: Plural; PLB: Português do Município do Libolo, Província do Kwanza-Sul, Angola; PTG: Português; PVB: Português Vernacular Brasileiro; SG: Singular; SV: Sintagma Verbal.

REFERÊNCIAS

Arends, Jacques. [1989] 2009. Syntactic developments in Sranan. Creolization as a gradual process. Disponível em: <http://www.dbnl.org/tekst/aren012synt01_01/colofon.php>. Acesso em 22 de abril de 2013.

Braga, Maria Luiza; Kato, Mary Aizawa; e Mioto, Carlos 2009. As construções-Q no português brasileiro. In: Kato, Mary Aizawa; e Nascimento, Milton do (orgs.), Gramática do português culto falado no Brasil – A construção da sentença. Campinas: Editora da Unicamp.

Brito, Ana Maria; e Duarte, Inês 2003. Orações relativas e construções aparentadas. In: MATEUS, Maria Helena Mira *et al.*, Gramática da língua portuguesa. 5ª ed. revista e aumentada, 653-694. Lisboa: Caminho.

Chatelain, Héli. 1889. Grammatica elementar do kimbundu ou língua de Angola. Genebra: Typ. de Charles Schuchardt.

Costa, João; e Duarte, Inês. 2001. Minimizando a estrutura: uma análise unificada das construções de clivagem em português. In: Gonçalves, Anabela; e Correia, Clara

Nunesm (orgs.), Actas do XVI Encontro Nacional da APL, 627-638. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.

Figueiredo, Carlos Filipe G. 2010. A concordância plural variável no sintagma nominal do português reestruturado da comunidade de Almojarife, São Tomé: desenvolvimento das regras de concordância variáveis no processo de transmissão-aquisição geracional, vols. 1 e 2. Macau: Universidade de Macau – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Português. Dissertação de doutoramento.

Figueiredo, Carlos Filipe G.; Oliveira, Márcia Santos Duarte de. 2013. Português do Libolo, Angola, e português afro-indígena de Jurussaca, Brasil: cotejando os sistemas de pronominalização. PAPIA, 23(2). 105-185.

Franco, Paula Vanessa Santos. 2007. Focalização e clivagem: estudo das construções clivadas no português rural de Portugal. Salvador: Universidade Federal da Bahia. Dissertação de Mestrado.

Green, Melanie 2007. Focus in Hausa. Publications of the Philological, 40. Society Oxford: Blackwell.

Holm, John. 1980. The creole ‘copula’ that highlighted the world. In: Dillard, Joey Lee (org.), Perspectives on American English, 367-375. New York: Mouton Publishers.

Holm, John. 1988/1989. Pidgins and Creoles, vols. I & II. Cambridge, MA: Cambridge University Press.

Holm, John. 2004. Languages in contact – the partial restructuring of vernaculars. Cambridge: Cambridge University Press.

Holm, John; Inverno, Liliana. 2005. The vernacular portuguese of Angola and Brazil: Partial and restructuring of the noun phrase. Comunicação no X Congresso da ACBL-PE (Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola). Orléans, França, 27 a 29 de junho. Inédito.

Jorge, Lurdes; e Oliveira, Márcia Santos Duarte de. 2012. ‘Por que que é assim?’ – Considerações sobre fronteamto de QU em línguas crioulas do Atlântico e no português do Brasil. PAPIA, 22(2). 253-277.

Mioto, Carlos; e Negrão, Esmeralda Vailati. 2007. As sentenças clivadas não contêm uma relativa. In: Castilho, Ataliba Teixeira de, *et al.* (orgs.), Descrição, história e aquisição do português brasileiro, 159-184. Campinas, São Paulo: Pontes/FAPESP.

Modesto, Marcelo. 2001. As construções clivadas no português do Brasil: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia. São Paulo: Humanitas.

Oliveira, Márcia Santos Duarte de. 2011. Focus in Brazilian Portuguese. In: Petter, Margarida Maria Taddoni; e Vanhove, Martine (orgs.), Portugais et langues africaines. Etudes afro-brésiliennes, v. 1, 75-121. Paris: Karthala.

Oliveira, Márcia Santos Duarte de; Holm, John. 2011. Estruturas-qu fronteadas e o 'foco gramaticalmente controlado' – a participação de línguas africanas em línguas parcialmente e completamente reestruturadas. PAPIA, 21. 23-38.

Ribeiro, Ilza; e Côrtes Junior., Moacir da Silva. 2009. As construções pseudoclivadas e clivadas. In: Lucchesi, Dante; Baxter, Alan Norman; e Ribeiro, Ilza (orgs.), O português afro-brasileiro, 209-230. Salvador: EDUFBA.

Santos, Eduardo Ferreira dos; e Oliveira, Márcia Santos Duarte de 2011. Aspectos da categoria foco no português de Angola. Filologia e Linguística Portuguesa, 13(2). 269-303.

Zubizarreta, Maria Luisa 1998. Prosody, focus and word order. Linguistic Inquiry Monographs (Book 33). Cambridge, MASS: The MIT Press.

Recebido em: 15/03/14

Aprovado em: 17/05/14